

O cântico de Medusa

Alexandra Vieira de Almeida

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2024

Bem-vindo, o senhor Prazer

Por que esta associação espiritualista do sexo com relação ao pecado? Como se a castidade fosse a forma mais pura de se atingir um dom celestial? O Prazer é uma espécie de poesia solar, que leva o ser humano ao máximo de esvaziamento, um antídoto contra as horas maçantes. O enfadonho círculo vicioso do puritanismo é o batismo das chagas, do sofrimento. A felicidade está em atingir o ponto mais alto da escala do desejo. Não o prazer descontrolado, a quilômetros além do que o carro pode suportar. Mas, sim, o Prazer do termômetro febril que suporta até o limite de seu nexo. No ato sexual, os amantes encontram uma ponte para o céu. O sexo se importa com a face estrelada, com os planetas girando em torno de um centro, o sol do orgasmo. Pecado seria viver sem ele, esquartejando nosso equilíbrio com a natureza. Por outro lado, há os assexuados que, por sua escolha e não por uma imposição de fora, seja de uma religião ou moral social, buscam o prazer do desprazer, um paradoxo para lá de complexo. O Prazer está em todos os lugares. Se Foucault apresentava a “microfísica do Poder”, pode-se pensar na magnitude do Prazer em todas as esferas da vida. O prazer de se deleitar com uma bela refeição, que mais se parece com o desabrochar de uma flor perante o

sol. Nietzsche já recriminara o papel do falso virtuoso. Mas o que falar do virtuoso que busca o prazer com exceção? Sim, um desejo que não se quer acabado, mas inacabado na medida de sua razão pacífica? Sem prejudicar, ferir ou açoitar o outro. E o prazer em miniatura, aquele que não se revela ao outro, mas que está escondido dentro de nós? O nosso sentimento de deleite particular que não contamos a ninguém?

* * *

São 16:00, é hora do lanche. A conversa gira em torno da vida. A vida é a busca da felicidade, já dizia o senhor Buda. E o senhor Prazer, onde fica nesta história? Senhor porque condiz com respeito. Ele precisa da respeitabilidade que a moral recrimina. Os planetas dão outra voltinha ao redor do sol. É hora de renovar as energias do mundo. E de nós, seres deleitantes, que percorremos os lençóis noturnos com a faísca do desejo, acendendo a chama que vibra no espaço proibido. O sol se parte em dois, os lados escondidos dentro de cada amante, em busca do labirinto que percorre o fogo central. É verdade que cada ser esculpido foi feito pela arte do prazer. Não em procriar, mas deixar estar no mundo a sua parte mais nobre: o desejo que fecundou o belo e não apenas mais um número multiplicado ao infinito. Números, para quê, se o que importa é a singularidade do outro? O abismo dos sem números caminha na estrada apanhada pelo vento. Vento que espalha nossa poeira cósmica no campo verdejante do prazer. Se a cor verde é comparada à esperança, também é vista como cura. Quanta cura há no transbordamento do desejo que não se cala, mas transpira palavras de criatividade e originalidade? A festa da

vida está pronta, os olhos brilham, o corpo se entreabre ao ser, à essência do esvaziamento perene. Preencher também é uma forma de esvaziamento à medida que sorvo e elimino para outras paragens. Reter e cumprir. Implodir e explodir. Viva o senhor Prazer!



O trabalho navegante — crônica com lirismo sonhador

Acordo. Todo dia o mar me seduz ao trabalho com suas ondas de vai e vem. O ritual marítimo leva ao pranto e à secura dos ossos. Enfrentar o trânsito pode ser fatal, um naufrago em meio à ponte movediça. Preciso costurar o vão do momento. O agora se descortina num espaço longínquo. O futuro me entristece como uma bolha ao vento. O girassol se perdeu naquelas águas profundas. Preciso navegar até o local do trabalho. É um parto aquoso. A dor é balsâmica. Sinto calafrio nos pés. A água transborda até a faixa do coração. Coloco o celular numa estação de rádio mais amena. O barulho lá fora é ensurdecedor como uma tempestade que leva os barcos para o abismo. A dor é naufragante. Necessito de um relógio analógico, o tempo é digital. Digita a memória em todo o espaço. O tempo se espatifa qual espuma na areia suplicante. O dia a dia do trabalho me encharca o corpo de espinhos, não da crucificação, mas da introspecção. A externalidade do gesto se esvaiu na memória dos passos rápidos. Pisar em ondas parece sufocar meu esqueleto. Navego, navego até onde minha imaginação

pode levar, talvez a uma ilha dos sonhos, solares, em meio aos mares despertos de ócio. Vejo as pessoas beberem tropegamente o seu copo de hábito, hábito sempre igual, matinal na vértebra do amanhã. Tranco-me para não querer ver o mar revolto da multidão que se espalha desde cedo para chegar ao rotineiro plano imperfeito. A imperfeição de minhas palavras se envereda para o mar azul de meus olhos. O mapa é gélido, sinto um frio sepulcral à espera das horas naquele cubículo apertado. Parece-me que o mar adentrou todo aquele espaço, não para me salvar, mas para me matar no afogamento da solidão. Embora outros seres vagueiem quais fantasmas naquele calabouço de medo. Rodopia a gaivota e ela traz a esperança para todo este mar de esperas insanas. A loucura do trabalho é criada pelo sistema hipnótico tal qual a ilusão daquele mar verde que se congela nos minutos de sono. Talvez o despertar das trevas seja o segredo mais duro para mim, que aguardo o silêncio e a escuridão que só a noite me dá, com suas asas de morcego, a arrepiar os nervos e a pele. A claridade do céu e do mar no dia navegante cega meu olho cansado. O relógio desperta. Mais um dia se aconchega nos meus passos, dedilho com a tecla do celular um enigma para o mundo. A tela é lacunar? É previsível? Quero um gole de vinho doce que se distancia daquele mar salgado. Mar de esperas alucinatórias. A loucura vaga nas ondas delirantes de minha queda nos abismos incontáveis. A eternidade do trabalho funda a origem de todas as horas que se tecem como mosaicos na cidade. A tecelã costura as gotas do mar, mas, frágeis, se desfazem como cacos espatifados pelo tiro da discórdia. Quero a eternidade da noite, obscurecer todo este mar verde do desperdício, gota a gota, secar toda a água do mar para revelar o deserto de mim, o

silêncio da lua engasgada na garganta do luto. A morte súbita se maquina no meio da madrugada. Morrer lentamente para as coisas triviais: acordar, lavar o rosto, escovar os dentes, tomar banho, tomar café, pegar o ônibus e seu reverso. Na madrugada, crio os versos mais lindos. Isso é trabalho. Não vejo isso como matéria do sonho, do dormir, do desesperar. É no deserto que as palavras dançam. A noite no deserto é uma incógnita. O mar se escondeu de seu desvario diário qual página de um jornal embrulhado. Quero deitar no chão tranquilo do deserto que se esqueceu do mar, seu inimigo mortal, por falta de criação. As palavras se estendem na cama da obscuridade. O rabisco preto do céu se fia no papel amarelado daquele deserto. O mar se evaporou. Tornou-se trabalho aniquilado. O sonho é a escrita dos poetas. Quantas pessoas naufragaram em ilhas de escravidão sem fundo, todo dia, a mesma ladainha, todo dia, a mesma música entoada como uma oração sacrificial. O homem se tornou o bode expiatório das horas. A minha fuga foi para o deserto como os mártires mais vivos. A vivacidade das minhas letras sopra beleza nos meus ouvidos, vazios, plenos, prestes a amordaçarem o trabalho navegante.

EDITORA
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

Livros iluminam

Este livro foi composto em Minion Pro
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em abril de 2024.
